

**XII Congresso Internacional de Educação a Distância
Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA ON-LINE: FOCO NO PLANEJAMENTO
PEDAGÓGICO**

TC

Categorias: C e F

Setores: 3 e 4

Natureza: Modelos de Planejamento e Pesquisa e Avaliação

Avaliação da Aprendizagem na Educação a Distância On-line: foco no planejamento pedagógico.

Hermelina Pastor Romiszowski*
Tecnologia, Treinamento e Sistemas (TTS)

Resumo

O presente trabalho discute a avaliação em sua importância para a qualidade de processos e resultados educacionais. Discute, especialmente, a avaliação da aprendizagem como ajuda ao educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo ensino-aprendizagem.

Considera a avaliação na Educação a Distância on-line à luz do design instrucional, que fornece uma base importante para a avaliação da aprendizagem, seja pelo potencial em sugerir indicadores de qualidade, seja por contextualizar o valor da avaliação. E enfatiza a avaliação formativa e contínua como facilitadora do sucesso da aprendizagem.

Utiliza exemplos de atividades on-line em cursos de pós-graduação à distância, e discute as estratégias de avaliação utilizadas. Sugere alguns pontos para reflexões em avaliação da aprendizagem na EAD via Internet, área ainda carente no Brasil, que apresenta um quadro de deficiência em avaliação anterior à era WEB.

Palavras-chave: Avaliação, Design Instrucional, Avaliação da Aprendizagem, Critérios, Qualidade, Eficácia, Implementação, Processos, Resultados.

1. Contextualização

O tema avaliação fascina e ao mesmo tempo traz consideráveis desafios. Fascina porque é sempre bom discutir e aprender sobre avaliação, pela sua importância e utilidade para a melhoria educacional. Os desafios ficam por conta, entre outros fatores, da dificuldade de se trabalhar este tema no Brasil, onde uma certa cultura anti-avaliação tem trazido prejuízos à qualidade da nossa educação.

Felizmente este quadro está mudando e é sentida a rejeição do profissional de educação à cultura do achismo ou do jeitinho. A forte tendência é para um trabalho transparente, com objetivos claros, estratégias diversas e flexíveis, mas com rigor científico.

O ensino-aprendizagem envolve um esforço intencional e orientado, ações didáticas voltadas para quem aprende e tem oportunidades para construir e aprimorar seu conhecimento. Envolve a ação do aluno, com suas estratégias cognitivas, sua cultura, suas experiências de vida. A avaliação da aprendizagem “é um tipo de investigação e é também, um processo de conscientização sobre a cultura primeira do educando, com suas potencialidades, seus limites, seus traços específicos. Ao mesmo tempo, propicia ao educador a revisão de seus procedimentos e até mesmo o questionamento de sua própria maneira de analisar a ciência e encarar o mundo. Ocorre no caso, um processo de mútua educação” (Romão, 1998). Isto não pode ser improvisado; requer planejamento e implementação, com flexibilidade para captar o que acontece no processo e ser efetivo na ajuda ao educando.

Moreto (2003) menciona que a própria definição de objetivos de ensino-aprendizagem prepara o processo de avaliação da aprendizagem, que não é um mero processo de cobrança e sim um momento para mais aprendizagem, mais construção do conhecimento. Lukesi (1994) também faz a relação e diz que a avaliação é parte do contexto educativo, devendo ser inserida no projeto pedagógico da experiência educacional. E Perrenoud (1999) enfatiza a importância da avaliação a serviço das aprendizagens, com ênfase na avaliação formativa, que assume seu sentido no âmbito de uma estratégia pedagógica de luta contra o fracasso e as desigualdades.

Avaliação é avaliação e não poderia ser diferente na EAD On-line. Pode até ser mais efetiva pelo potencial da tecnologia WEB, desde que se leve em conta que tal efetividade requer análise crítica e trabalho constante nas dimensões da aprendizagem interativa viabilizadas pela tecnologia. Serpa (2001) e Picanço (2003) ao discutirem a avaliação na EOL, chamam a atenção para a necessidade do reconhecimento da complexidade do processo e da problematização para uma ação efetiva das necessidades educacionais de hoje. Os novos paradigmas educacionais estão a exigir construção sólida, através de prática e teoria consistentes; e isto não acontece num passe de mágica. É importante considerar o que já existe de válido e consolidado na área de avaliação, para não cairmos no “criar por criar”, sem uma base consistente. A realidade é tão complexa que provavelmente não cabe a substituição de um modelo por outro. Talvez seja o caso da convivência de diferentes modelos ou aspectos de diferentes

modelos, criando novos e variados de acordo com os contextos educacionais.

Profissionais já consagrados na área de avaliação continuam com suas pesquisas frente às novas demandas educacionais, o que não deixa de ser uma forma de valorizar o novo. Em 2004, quando de visita ao Brasil, três grandes nomes da avaliação a nível internacional. Michael Patton, Michael Scriven e David Fetterman em eventos promovidos pela Fundação Cesgranrio (Patton e Fetterman), entidade com vasta experiência em avaliação educacional e pela ABED (Scriven), que no seu congresso internacional de 2004 teve a avaliação como tema, mostraram pontos que nos levam a reflexões sobre o assunto. Os três pesquisadores discutiram suas linhas de trabalho não só em termos do que já fizeram, mas também em função do que estão fazendo para a atual realidade educacional. Na verdade, em muitos pontos, os interesses específicos de cada um não são conflitantes e sim complementares, o que foi evidenciado nas discussões com os participantes dos eventos.

Patton (2004) abordou o desafio que é tornar a avaliação útil, a importância de se dar novos significados culturais e contextos culturais à avaliação, que no passado era vista só como julgamento, um sentido autoritário. E enfatizou que, hoje, precisamos ajudar as pessoas a saber se estão bem - o que às vezes implica em ajudá-las a mudar a visão sobre o que significa avaliação, e construí-la a partir de critérios. Scriven (2004) discutiu o estado da arte na nova disciplina de avaliação. E na ementa divulgada no site da ABED constava “uma análise da situação dos mais importantes campos da avaliação, a saber, programa, produto, pessoal, desempenho, propostas e políticas de avaliação e a conexão entre elas que serve como lógica da avaliação. Comentários sobre os dois mais novos sub-campos da avaliação surgidos: meta-avaliação e avaliação intra-disciplinar e sobre alguns campos de quase-avaliação, como por exemplo, crítica literária e artística e conhecimento sobre vinhos”. Fetterman (2004) fez um resumo da avaliação nos últimos 25 anos e apresentou as bases da avaliação de “empowerment”, que enfatiza 3 ações básicas: missão, tomar pé e planejar para o futuro. As ações básicas são desenvolvidas através de dez princípios, num trabalho essencialmente cooperativo, no qual procura-se contrastar sem negar o que já foi conquistado.

2. Critérios e Avaliação da Aprendizagem

As posições mencionadas acima destacam, entre outros pontos, a importância da avaliação com base em critérios claros e diversificados para a obtenção de resultados, de acordo com a própria diversidade do ser humano em seu processo de aprendizagem. A importância de conciliar tais necessidades sugere que não se trata de simples substituição de modelos velhos por novos, mas de entendimento do contexto para alternativas que atendam bem às novas demandas educacionais. O que fazer no ensino-aprendizagem? Não há receitas, mas a abertura para um projeto pedagógico efetivo, com métodos e procedimentos avaliativos apropriados, certamente favorecerá um trabalho de avaliação útil e de qualidade.

Jonassen (1992) discute dez critérios para a avaliação da aprendizagem baseada em princípios construtivistas e enfatiza que os professores, ao

invés de mapear a estrutura da realidade externa do aluno, deveriam ajudá-lo a construir representações significativas e conceitualmente funcionais de seus mundos externos. E se o aluno interpreta a informação no contexto de sua própria experiência, o que ele interpreta é, até certo ponto, individual, único. Então, como avaliar? Que critérios aplicar para avaliar a significância da aprendizagem em ambientes cognitivamente sofisticados? Voltamos à questão de critérios adequados à situação e estratégias de avaliação compatíveis, mas, menos rígidas, como deve ser com o uso de tecnologias interativas; mas nem por isso com menos rigor científico. Há de se encontrar formas adequadas à situação para que ao aluno sejam oferecidas, cada vez mais, oportunidades de aprender. E existem tantas formas quanto sejam as de planejar, de criar estratégias didáticas pertinentes ao contexto. Cada situação é única e deve ter um desenvolvimento compatível, evitando improvisações. Isto leva ao desligamento da reprodução, abrindo caminho para a criação de novas estratégias, com ênfase na avaliação formativa e contínua.

Sendo a avaliação parte do processo ensino-aprendizagem, a sua prática pedagógica deve estar voltada para o “aprender a aprender”, distanciando-se de formas tradicionais rígidas de avaliação, muito voltadas a testes objetivos e medidas para julgamentos. Isto não quer dizer que testes objetivos não possam ser usados. Significa que estes, por si só, não se constituem no processo de avaliação da aprendizagem. E teste, medida e avaliação não são sinônimos, embora seus significados se justaponham. Não vamos entrar na discussão quantidade versus qualidade, mas entendemos que avaliar envolve não só aspectos quantitativos, mas também, e principalmente, os qualitativos. Abrange tanto a aquisição de conhecimentos e informações decorrentes dos conteúdos curriculares, quanto de habilidades, interesses, atitudes, hábitos de estudo e ajustamento pessoal.

3. Avaliação da Aprendizagem na EAD e Design Instrucional: relação de coerência

Sendo a avaliação da aprendizagem parte do contexto educacional, deve ser inserida no projeto pedagógico. O design instrucional (planejamento de ensino-aprendizagem), sendo parte ou o próprio projeto pedagógico, tem potencial para fornecer indicadores para a avaliação da aprendizagem.

Reeves (2002) discute um modelo de aprendizagem interativa via WEB baseado em pesquisa e teoria em tecnologia instrucional, ciência cognitiva e educação de adulto, e chama a atenção para um assunto importante e que tem confundido a área educacional: “o que é único sobre a WEB não é a rica mistura de mídias tais como texto, gráficos, som, animação e vídeo, nem tampouco seu link para fontes quase ilimitadas de informação, mas as dimensões pedagógicas que podem ser desenhadas e ministradas através da WEB”. Este assunto é discutido por Clark (1992; 2003) que enfatiza que embora a WEB possa ser mais eficiente e menos cara que outras tecnologias, é a dimensão da aprendizagem que determina, em última instância, sua efetividade e benefício. São considerações que dizem

respeito ao design instrucional, que não é gerado somente pela tecnologia disponível, mas pelo enfoque de aprendizagem, princípios de ensino, motivação, fatores culturais e outros relacionados. São objetivos, conteúdo, estratégias didáticas e avaliações, numa relação com a ampla interatividade favorecida pela WEB. E o próprio design instrucional envolve um intenso processo de avaliação formativa para garantia de sua qualidade e utilidade no contexto (Romiszowski, H, 2003, 2004). Qualquer que seja a linha pedagógica adotada é importante que haja coerência entre a função de avaliar e as aprendizagens planejadas. Enquanto o planejamento ajuda em termos do que construir, a avaliação é o ato crítico que apóia a verificação de como o projeto está sendo construído.

Sendo a tecnologia de WEB essencial ao planejamento de atividades on-line, é normal que seja importante também para a verificação do desempenho e da aprendizagem do aluno. O grau em que isto se dá pode variar. A questão central é a que se refere ao projeto educacional, aos objetivos de aprendizagem, às estratégias criadas para viabilização e à revisão constante - um papel da avaliação formativa. Cada situação requer seu próprio desenvolvimento para verificar o nível de confortabilidade e a satisfação do aluno com as atividades on-line e como o professor/tutor trabalha tais informações de forma a ajudar na melhoria do processo ensino-aprendizagem como um todo. Quanto mais oportunidade de atuar o aluno tiver, mais rica será a sua aprendizagem, de acordo com o que seja melhor para seu estilo de aprender, suas necessidades e interesses. Uma efetiva avaliação da aprendizagem é, então, parte do próprio processo ensino-aprendizagem. À proporção em que o aluno adquire conhecimento, as bases da avaliação devem estar disponíveis, de forma que ele saiba como está progredindo - caráter formativo da avaliação.

Há várias tendências na EAD on-line e isso é positivo para a criação de modelos diversos. Mas, qualquer que seja a escolha é importante lembrar que a tecnologia faz parte do contexto. Como tal, a qualidade do ensino-aprendizagem deve refletir como as possibilidades da tecnologia WEB estão sendo aproveitadas na operacionalização das intenções, para o alcance do que foi pretendido, da necessidade de expansão do conteúdo ou melhoria do foco. A relação com a avaliação que sugere ação para a melhoria, é evidente. Segundo Perrenoud (1999) “avalia-se sempre para agir”.

Ainda estamos engatinhando no aproveitamento do potencial da tecnologia WEB para a aprendizagem e o ensino eficazes; mas, o próprio crescimento da convergência da WEB e tecnologias multimídia favorece novos incentivos e oportunidades para inovações no campo educacional. Khan (1997; 2001) enfatiza que, como parte do ensino-aprendizagem na WEB, a avaliação tem ganho popularidade, o que é uma boa notícia. E, apesar da referência do autor à realidade dos Estados Unidos, a sua essência é útil para qualquer país já que o trabalho é fundamentado no planejamento pedagógico, base importante para a avaliação da aprendizagem em qualquer contexto.

4. Passado e presente na integração de planejamento pedagógico e avaliação da aprendizagem na EAD On-line

Apresentamos dois exemplos de experiências da autora em duas situações educacionais distintas, mas relacionadas. O título do item reflete a idéia de aproveitamento de experiências consideradas válidas para análise crítica e revisões.

A primeira é uma experiência como aluna do curso de doutorado na Syracuse University, nos anos 90. Foi a primeira experiência em educação à distância via Internet do departamento da faculdade de educação da referida universidade. E também, a primeira oportunidade da autora em vivenciar atividades on-line; inclusive sendo a única estrangeira num grupo de alunos americanos, um interessante fator cultural. A outra experiência é recente, e refere-se à participação da autora, como professora convidada em um segmento de um curso a distância on-line, intitulado “Educational Technology in International Settings”, da mesma universidade. A participação consistiu na condução de um mini-seminário on-line, para discutir experiências da Tecnologia Educacional na América Latina, com ênfase no Brasil. A solicitação foi para criar para os alunos situações para análise, relativas ao conteúdo do curso junto com a experiência educacional da autora com a situação educacional no Brasil. A opção foi por um “caso” relacionado ao tema da tese de doutorado da autora (Romiszowski, H. 1996). A escolha se deve ao fato de que o tema permitia o levantamento de aspectos importantes para profissionais solicitados a atuar numa cultura diferente da própria. Relaciona-se também, com as principais idéias abordadas no presente artigo, ou seja a relação entre planejamento pedagógico e avaliação da aprendizagem.

4.1. No primeiro exemplo, a experiência refere-se ao estudo de uma disciplina intitulada “Lifelong Learning: The Adult Years” (aprendizagem ao longo da vida: os anos adultos), como parte de uma iniciativa em educação a distância sob o patrocínio da Fundação Kellogg. Em parte por isto, esta experiência foi bastante acompanhada e inclusive é parte de uma série de livros, intitulada “Computer Mediated Communication and On-line Classrooms, em três volumes. Eastmond and Ziegahn (1995), que participaram do planejamento e implementação da experiência, discutem o desenvolvimento do curso, inclusive a incorporação de atividades de avaliação no design do sistema de CMC usado, para medir sua efetividade e criar feedback para enriquecimento do curso, revisões.

A disciplina teve como objetivos:

- prover uma aprendizagem a distância de qualidade para alunos geograficamente dispersos;
- prover uma oportunidade de aprendizagem assíncrona e interativa;
- realizar estas experiências a um custo comparável ao curso no campus após a fase de desenvolvimento ser completada;
- expor os alunos a novas tecnologias de aprendizagem com as quais os educadores precisam ser familiarizados.

A base do projeto foi a crença de que comunicações mediadas por computador têm como objetivo básico prover uma boa experiência de aprendizagem para o aluno, ambiente no qual “adquire novos conhecimentos e habilidades, examina, criticamente conteúdos e crenças, e engaja-se em vigorosa situação colaborativa. As atividades foram desenvolvidas à distância, on-line, mas com dois encontros presenciais, um no início e outro no meio do curso.

As discussões online se davam através do uso sistema de conferência por computador/plataforma tecnológica PARTY (Eastmond and Ziegahn,1995). É um sistema de gerência de conferência, escolhido à época como um ambiente amigável (user-friendly), no qual comunicações privadas e em grupo poderiam ser estruturadas para leitura e resposta. Também permitia a existência de várias sessões tais como: área de conversação em tópicos e sub-tópicos, criando a possibilidade para o usuário desenvolver habilidades de desempenhar diversas tarefas como abrir áreas para novas discussões, deletar ou modificar mensagem.

Durante a experiência o aluno recebia feedback imediato do instrutor, de dois tipos: 1) coletivo, no qual todos tinham acesso, e 2) individual, no qual só o instrutor e o próprio aluno tinham acesso. A discussão coletiva gerou um corpo de conteúdo diversificado, contribuição de todos os que participaram das discussões. Estas eram constituídas, basicamente pelo lançamento de desafios (temas quentes de interesse dos alunos) e de acordo com o programa, como preparação para as discussões on-line, em dia e horário determinado, mas, com possibilidade de intervenções em qualquer dia e horário de conveniência, e também de um tópico para contrato de aprendizagem sobre o trabalho final, um projeto tipo monografia, com tema de acordo com o interesse e experiência profissional do aluno.

Avaliação da aprendizagem. Ao design da disciplina, foram incorporadas as seguintes atividades de avaliação formativa e somativa:

Avaliação On-line. A “sala de aula” foi concebida como uma área de discussão sobre os requisitos da disciplina, atividades, e aprendizagem on-line. O aluno era encorajado a expressar suas dúvidas e levantar pontos sobre as atividades da disciplina no item, para resposta do instrutor. Também ocorriam mensagens de e-mail privadas. Isto provia dados formativos para correções no atual processo, e para futuras ofertas da mesma disciplina, e design de experiências similares.

Avaliação “em pessoa”. Foi previsto um encontro de meio de curso, presencial, para o aluno encontrar o professor. Os alunos foram incentivados a discutir aspectos fortes e fracos do curso, uma visão crítica da experiência de aprendizagem, de modo que tornaria possível fazer ajustamentos para a outra metade do curso. Além do cunho avaliativo, a sessão presencial também foi desenhada para permitir atividades de aprendizagem pessoal, definir tarefas e fazer decisões para tornar as sessões de atividades on-line mais dinâmicas no restante do curso.

Avaliação escrita. Para resumir as impressões gerais sobre o curso, foi elaborado um questionário para o aluno completar. Este instrumento incluiu questões sobre a efetividade do curso, assim como algumas especificidades de lidar com atividades de aprendizagem on-line.

Os critérios gerais para avaliação da aprendizagem foram discutidos no primeiro encontro presencial e era parte do programa do curso, de forma que o aluno que faltou ao primeiro encontro presencial poderia ter as mesmas informações on-line. Foram lançados desafios (temas quentes de interesse dos alunos, de acordo com o programa), discussões on-line (em dia e horário determinado) – geralmente, domingo às 18 horas, mas, com possibilidade de outras intervenções em qualquer dia e horário;e contrato de aprendizagem para o trabalho final, tipo uma monografia, com tema de

acordo com o interesse e experiência profissional do aluno. Os critérios versavam, basicamente, sobre a participação específica em cada atividade e a qualidade do trabalho final a ser entregue na forma impressa.

4.2. O segundo exemplo refere-se a uma experiência recente da autora como professora convidada para o segmento de uma disciplina num programa de pós-graduação (mestrado e doutorado), na mesma universidade. Foi na disciplina “Educational Technology in International Settings”. Neste caso não foi uma participação direta na avaliação da aprendizagem da disciplina como um todo, mas no que se referiu ao segmento específico de participação.

Descrição. Esta disciplina atende às necessidades e interesse dos alunos envolvidos em desenhar e/ou implementar projetos baseados em tecnologia educacional (sentido amplo), que já estavam atuando ou tinham interesse em trabalhar em contextos internacionais.

A disciplina tinha como objetivos:

1. Analisar exemplos de casos selecionados de projetos de tecnologia educacional bem ou mal sucedidos. Extrair desses casos exemplos uma série de conceitos e princípios que poderiam guiar designers e planejadores de tais projetos;
2. Participar de discussões de grupos on-line com colegas e tecnologistas educacionais convidados c, com experiência de trabalho no âmbito internacional. Extrair destas atividades uma série de princípios que poderiam funcionar como heurísticos para guiar o tecnologista educacional trabalhando num setor nacional, regional ou cultural pouco familiar.
3. Desenhar um “pacote” instrucional que poderia ser usado para orientar ou capacitar tecnologistas educacionais candidatos a trabalhos em projetos em selecionados contextos internacionais.

A experiência aqui considerada referiu-se ao objetivo 2 do Módulo 2 do curso. O trabalho com este objetivo indicava para o aluno a participação na atividade intitulada “seminário virtual”, utilizando a plataforma WebCT (para maiores informações ver Lewis na RBAAD da ABED(www.abed.org.br, Vol 2, No1)Esta ferramenta foi usada por já ter sido previamente adotada pela universidade para cursos on-line.

Avaliação das atividades. O aluno deveria estudar as leituras e outros documentos recomendados pelos líderes (4 professores convidados) dos seminários. Com base nos quatro seminários, deveriam preparar um pequeno trabalho descrevendo sua percepção dos fatores-chaves a serem levados em consideração no planejamento e implementação de projetos de tecnologia educacional ou intervenções em contextos não-familiares. Isto serviria de base para outros trabalhos como: preparar sua visão das maiores semelhanças e diferenças, com respeito à tecnologia educacional, sua aceitação, a forma como é entendida e usada, as tecnologias específicas que provaram ser efetivas ou não, e outros aspectos relacionados. Esta “world picture”, deveria ser apresentada on-line, se possível na forma de tabela ou outras formas de apresentação, ou ainda “job-aids”, ao invés de um longo artigo, de forma tradicional. Era um trabalho final que se constituiria na elaboração de um capítulo de um “Guia de Consultor Educacional” para uso efetivo da Tecnologia Educacional no contexto internacional. O capítulo focalizaria uma região específica do mundo, ou um trabalho internacional geral. O escopo e foco de

cada capítulo seria negociado durante o curso, para atender a interesses específicos dos alunos. Os diferentes capítulos seriam colocados on-line para discussão, revisão dos pares e integração ao “guia de consultoria”.

Os alunos seriam avaliados, no seguimento específico, de acordo com os critérios de preparação individual através de leituras e participação no seminário (interação grupal); no caso aqui citado, a partir de uma situação problema criada e colocada para discussão, como atividade de avaliação formativa e insumo para a avaliação somativa, ao final do terceiro e último módulo do curso.

Avaliação on-line. A “sala de aula” era concebida como uma área de discussão sobre as opiniões pessoais, comentários a partir da situação-problema colocada e de materiais previamente lidos. O aluno que se manifestava recebia feedback do instrutor (e de outros participantes), para encorajar maior participação. Também ocorriam mensagens de e-mail privadas ou endereçada a todos, que contribuía, colaborativamente, para correções de informações no atual processo, se necessário. Enfim, participação e contribuição no seminário on-line, um exercício que servia também para aperfeiçoamento da própria atividade de aprendizagem, com vistas a futuras aplicações.

Avaliação escrita. Cada segmento do curso dava sua parcela de colaboração. Em geral foi sugerida pelo instrutor do curso, que acompanhava todos os segmentos, e serviria de insumo para os outros trabalhos, inclusive o projeto final de participação na elaboração do “Guia de Consultoria”.

Não foi elaborado questionário de opinião específico para o segmento, mas suas bases foram incluídas no questionário de avaliação final aplicado pelo professor responsável pela disciplina. Contudo, os estudantes foram sempre incentivados a manifestar-se a qualquer momento do seminário sobre qualquer aspecto da experiência educativa, usando os recursos disponíveis.

Como já mencionado, os critérios gerais para avaliação da aprendizagem foram discutidos no primeiro encontro presencial e era parte do programa do curso. Isso fez com que o aluno que faltou ao primeiro encontro poderia ter as mesmas informações on-line. Aliás é uma norma do departamento ter, para cada curso on-line, um “course schedule” detalhado, uma espécie de programa com datas, leituras recomendadas, atividades sugeridas, tarefas individuais e de grupo ou discussões on-line, de modo que cada aluno tenha uma idéia clara do que fazer, que tipo de desempenho é esperado e o valor de cada tipo de participação para sua avaliação geral. Mas, há flexibilidade para adaptações no processo.

O trabalho final seria entregue no formato impresso, seguindo a tradição de avaliação finais dos cursos do departamento à época.

4.3. Os exemplos e a relação planejamento - avaliação.

Destacamos, nos exemplos citados, os seguintes pontos:

1. Ambas as experiências inserem-se no contexto da educação de adulto (cursos de mestrado e doutorado)
2. A avaliação da aprendizagem, em ambos os casos, foi incorporada ao design do curso/atividade. Relacionar a avaliação ao planejamento é assegurar o uso de elementos relevantes para a avaliação da aprendizagem. Permite que se dedique ao que é importante e não ser

levado por decisões arbitrárias que levam ao uso de dados irrelevantes, muitas vezes frustrando as iniciativas do aluno.

3. A avaliação teve um caráter participativo no sentido de que professor discute com os alunos o estágio em que estão, o que pode ser feito efetivamente para melhoria e assuntos relacionados. Não é uma discussão abstrata e sim a partir de resultados mostrados no desempenho das atividades.
4. Em ambas as situações o que se esperava do aluno foi discutido no início do curso, mas ajustado durante o processo para melhor atender às necessidades surgidas, e também com vistas a aprimorar o próprio sistema de cursos on-line.
5. O trabalho final deveria ser entregue no formato impressa, relacionado à natureza dos cursos e exigências da universidade, mas o tipo de trabalho poderia variar, explorar possibilidades de apresentação, um aspecto interessante para discussão sobre o futuro da EAD na WEB.

Vale considerar que as possibilidades do ambiente WEBCT eram, evidentemente, mais amplas do que o PARTY, por uma questão de tempo, evolução da tecnologia para ferramentas do gênero, permitindo comunicação mais rápida e diversificada. Contudo, a tecnologia mais moderna não dispensou o design instrucional do curso e das atividades de avaliação pertinentes.

5. Conclusão

Alguns pontos neste artigo merecem destaque e servem para maiores reflexões sobre a importância da avaliação da aprendizagem na Educação a Distância.

EAD é educação, que só é verdadeira quando há transformação, o que requer avaliação, uma área do conhecimento de caráter trans-disciplinar, sistêmico e sistemático.

A avaliação da aprendizagem é relacionada ao planejamento de ensino-aprendizagem (design instrucional) e reflete um conceito que vem se firmando no mundo educacional: planejamento e a avaliação “de mãos dadas”. Uma relação de coerência em prol da qualidade educacional.

Nos exemplos apresentados no item 4, a relação é clara e as estratégias de avaliação utilizadas em cada um basearam-se nos objetivos dos cursos e outros aspectos relacionados, atendendo também a exigências institucionais e curriculares da universidade. Em outros contextos outras estratégias poderiam ser usadas. Mas é importante ter em mente que no ensino-aprendizagem lidamos com sistemas probabilísticos, complexos, que precisam ser compreendidos através de abordagens sistêmicas, pois cada aspecto tem relação com o outro e afeta o todo do projeto. É importante saber como as ações se integram e agregam valor à aprendizagem e ao ensino.

O design instrucional como fonte de insumos para a avaliação da aprendizagem, colabora muito na utilidade da avaliação para o aluno. Indicadores extraídos do planejamento servem de critérios para a avaliação da aprendizagem, cuja função corresponde a uma análise cuidadosa das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planejadas. Isto leva a um desenvolvimento apropriado, que envolve, também, flexibilidade para

incorporar ações que atendam às novas demandas que surgem no decorrer de qualquer processo educativo.

Na EAD via Internet, como no uso de qualquer tecnologia, não se pode ignorar os conhecimentos de avaliação já consolidados ao longo dos anos e que certamente podem ajudar no desenvolvimento de inovações educacionais. Velhos modelos não são úteis às atuais necessidades da EAD via WEB. Mas modelos novos, sem uma base teórica consistente que oriente as práticas e facilite as evidências de efetividade, também não o são. Rejeitar experiências comprovadas e tentar a cada passo “descobrir a roda” leva à perda de tempo, gasto excessivo e superficialidade. O diferencial pode ser o equilíbrio na abertura para a atual realidade, competência e bom senso na construção de novas práticas para integração do ser humano em diversos aspectos.

Na avaliação da aprendizagem na EAD on-line, às vezes surgem dúvidas quanto ao uso de objetivos e critérios. Teme-se que isso possa levar à classificação de alunos, repetindo erros do passado, quando a avaliação era mais voltada ao julgamento comparativo do que ao crescimento do aluno. As preocupações podem ser válidas, mas devem levar à procura de formas adequadas de avaliação e não à sua rejeição.

Usar a Internet para fins educacionais requer o uso de critérios que garantam que a tecnologia atua em função dos objetivos de aprendizagem e não vice-versa. Favorecer a interatividade é um dos grandes diferenciais da Internet, mas isto não é tudo, não garante a aprendizagem. O real aproveitamento da tecnologia se dá com o envolvimento do potencial humano de criatividade e competência, de modo a favorecer a aprendizagem eficaz. Este aproveitamento envolve, também, o que se pretende da avaliação e que estratégias de ação serão utilizadas para estabelecer a coerência.

Os critérios, ao invés de classificar alunos, podem servir de base para uma análise imparcial e provisão de feedback rico e construtivo, ser fonte de oportunidades iguais para todos os alunos. Edward C. (2002) enfatiza que discutir e aplicar critérios e temas correlatos é importante para o uso de qualquer tecnologia em educação; e que isto precisa ser considerado não só em relação ao projeto educacional como um todo, mas se está sendo bom para o aluno, melhorando seu desempenho e conquistando sua aprendizagem.

Concluindo, vale ainda ressaltar a importância do adequado acompanhamento, avaliação e disseminação das experiências com avaliação da aprendizagem na EAD on-line, área ainda carente de estudos e comprovações. É preciso não só fazer, mas também divulgar os resultados de forma a propiciar análises críticas e reflexões, aumentando o corpo de conhecimento da avaliação e servindo de base para novos estudos e pesquisas.

* Hermelina Pastor Romiszowski é pedagoga, mestre em Tecnologia Educacional (UERJ, 1987) e doutora em Design Instrucional, Desenvolvimento e Avaliação (Syracuse University, 1996).

É pesquisadora, diretora técnico-pedagógica da Tecnologia, Treinamento e Sistemas (TTS)/Rio de Janeiro e docente em cursos de pós-graduação em design e desenvolvimento de materiais para a EAD, avaliação de materiais e sistemas de EAD.

Referências Bibliográficas e Webgráficas

- CLARK, R. Media Use in Education. Em M. C. alkin (Ed), Encyclopedia of Educational Research. NY:Macmillan, 1999.
- CLARK, R. E-learning and the Science of Instruction: proven guidelines for consumers and designers of multimedia learning. Jossey-Bass/Pfeiffer, San Francisco, USA, 2001.
- EASTMOND e ZIEGAHN. Em Computer mediated Communication and Online Classroom. Volume III: Zane Berge and Mauri Collins (Eds). Hampton Press: New Jersey, USA, 1995.
- EDWARDS, C. Reflections on a Framework for Quality in Educational Technology Programs, Educational Technology /Vol. XLII No 3, 2002.
- FETTERMAN, D. Empowerment Evaluation. Workshop/Fundação Cesgranrio/UNICARIOCA, 2004.
- JONASSEN, D. (1992). Constructivism and the Technology of Instruction: a conversation. Em Duffy, T and Jonassen (Eds), Lawrence Erlbaum Publisher, 1992.
- KHAN, B. (Ed). Web-Based Instruction, Educational Technology Publications, Nj, USA, 1997.
- _____ (Ed) 2001. Web-based Training, Educational Technology Publications, NJ, USA.
- LUCKESI, C. (1994). Avaliação da Aprendizagem Escolar, Cortez Editora, 10a Edição, SP, 1994.
- MORETO, V. PROVA: um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas. , DP&A Editora, RJ, 2003.
- PATTON, M. Utilization-Focused Evaluation: The New Century Pext, 3a edição, SAGE publications, California, USA, 1997.
- PATTON, M. Repositioning Evaluation. Workshop/Fundação Cesgranrio, 2004.
- PERRENOUD, P. Avaliação: Da Excelência à Regulação das Aprendizagens – entre duas lógicas. Artmed/Porto Algre, 1999.
- PICANÇO, A. Para que Avaliar na Educação a Distância?. Em Alves e Nova (Eds) Educação a Distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade, 2003.
- REEVES, T e HEDBERG, J. Interactive Learning Systems Evaluation. Educational Technology Publications, New Jersey, USA, 2002.
- ROMISZOWSKI, H. (1996). Cultural Factors in the Portability of Instrucional Computer Software: An Examination of Students Perceptions and Practice. Tese de Doutorado, Syracuse University/CNPQ.
- _____ Avaliação no Design de Multimídia Educativa: estratégia de apoio ou parte do processo? Anais do IX Congresso Internacional da ABED, 2002 (www.abed.org.br).
- _____ Avaliação no Design Instrucional e Qualidade da Educação a Distância: qual a relação? Site da RBAAD/ABED, Vol2, No 4 (www.abed.org.br), 2004.
- _____ Avaliação em Educação a Distância: o desafio de fazê-la útil. Anais do XI Congresso Internacional de EAD/ABED (www.abed.org.br), 2004.
- SERPA, F. Educação e territorialidade: pedagogia da diferença, Mimeo, Salvador, 2001.

SCRIVEN, M. Mini-curso "The State of Art in the New Discipline of Evaluation"
Congresso Internacional de EAD/ABED, Salvador, 2004.